

Gabriel Bustilho Lamas*

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Por um conceito de revolução surrealista

Resumo:

O presente artigo busca, atravessando textos das revistas *La Révolution surréaliste* (1924-1929) e *Le Surréalisme au service de la révolution* (1930-1933), pensar o que seria a “revolução surrealista” que Breton e companhia buscavam nos anos iniciais do movimento. Isso será feito perpassando as ideias que os surrealistas manifestavam acerca da revolução (tanto da sua própria quanto da dos outros, mais especificamente, a revolução comunista). Além disso, também será necessário reinserir, no seio do surrealismo, um de seus mais importantes dissidentes, Antonin Artaud, que foi expulso justamente por conta do debate acerca do que seria a “revolução surrealista”.

Palavras-chave:

Artaud, Breton, revolta, revolução, surrealismo

Abstract:

This article seeks, through texts from the magazines *La Révolution surréaliste* (1924-1929) and *Le Surréalisme au service de la révolution* (1930-1933), to think about what would be the “surrealist revolution” that Breton and company sought in the early years of the movement. This will be done by going through the ideas that the surrealists manifested about the revolution (both their own and that of others, more specifically, the communist revolution). In addition, it will also be necessary to reinsert, within surrealism, one of its most important dissidents, Antonin Artaud, who was expelled precisely because of the debate about what the “surrealist revolution” would be.

Keywords:

Artaud, Breton, revolt, revolution, surrealism

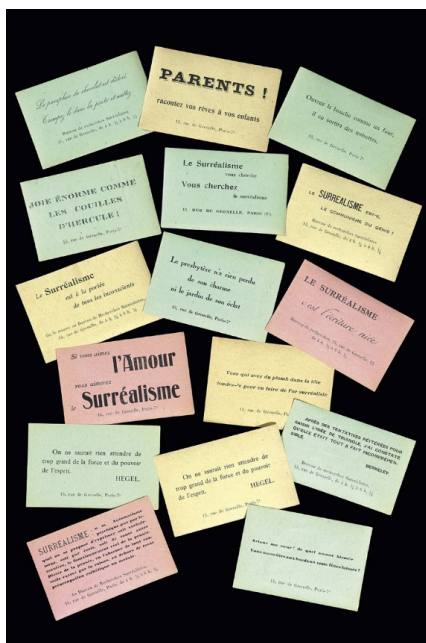


Imagem retirada de: <https://www.bibliore.com/lot/164450/>

Introdução

“Le surréalisme est-il / Le communisme du génie?”¹, pergunta uma frase que pode ser lida num dos *papillons surréalistes* (ilustrados acima), pequenos panfletos distribuídos (de mão em mão ou voando arremessados aos ares) pelos surrealistas entre 1924 e 1925 que, subvertendo a comunicação política ou comercial, continham algumas mensagens surrealistas, além de citações literárias e filosóficas. Assim, citando Hegel ou dizendo “Si vous aimez/ l’Amour/ vous aimerez/ le SURREALISME”, estes artistas propagavam suas ideias para além da propaganda,² para além do discurso publicitário, mas certamente se apropriando deles. Essa iniciativa era coletiva e girou em torno de Antonin Artaud, que, à época, dirigiu o *Bureau de Recherches Surrealistes*,³ local que tinha seu endereço divulgado em todos os *papillons*.

Porém, subverter a política é também fazer política, e disso os surrealistas sabiam muito bem. Esses panfletos visavam a inserir no cotidiano, via um objeto da propaganda, a poesia e a filosofia, objetivando mudar a vida através da arte, algo que o surrealismo jamais deixou de procurar fazer e que tinha como norte desde sua formulação. Isso é reforçado pelo fato de que em todos os *papillons* havia o endereço do *Bureau*, uma espécie de convite ao público para uma visita (da mesma forma que um panfleto político convida a uma filiação), um convite para experimentar a vida artística surrealista.

De fato, experimentar a vida artística em conjunto fazia parte da experiência surrealista – e pode-se dizer que da experiência das vanguardas artísticas do século XX de modo geral –,

que sempre buscava, a partir da convivência, transformar seu fazer comum (sua estética, seu modo de fazer) em um fazer em comum, em conjunto. Daí resulta a importância de um lugar como o *Bureau*, um “escritório”, mas um escritório de “pesquisas” (*de Recherches*), o que faz dele também um laboratório de experimentação artística.

Dessa forma, a pergunta evocada pelo *papillon* que relaciona surrealismo e comunismo certamente é retórica. Mas precisamos pensar em que sentido se daria então a afirmação de que o surrealismo é o comunismo do gênio. A primeira hipótese seria encarar que o surrealismo seria uma espécie de comunismo ao qual adere o gênio, ou seja, uma pessoa dotada de genialidade. A segunda hipótese seria tratar o comunismo no seu sentido de “comum” ou de “compartilhável”: nessa hipótese, então, comunismo do gênio seria o compartilhamento do gênio, de uma genialidade ou de um conhecimento, um saber.

Essa segunda hipótese selaria o viés, por assim dizer, inclusivo da arte surrealista: o gênio artístico é comum e compartilhável, pode ser qualquer um, e as ferramentas do surrealismo (a colagem, a escrita automática⁵) deixam isso claro. Essa hipótese é confirmada pelo *papillon* que diz “Le SURREALISME/ est à la portée/ de tous les inconscients”, e, mais abaixo, no espaço em que normalmente se registra o endereço do *Bureau*, está escrito: “On le trouve au Bureau de Recherches Surréalistes, / 15, rue de Grenelle, de 4 h. 1/2 à 6 h. 1/2.”. Por isso o surrealismo é o comunismo do gênio, pois está ao alcance de todos os inconscientes. Isso ainda se amplifica, pois, seguindo, há o convite para encontrar o surrealismo, para partilhar o gênio. Certamente uma atitude política, porque, em vez do convite à filiação partidária promovido pelo panfleto político, ou do convite à compra promovido pela propaganda, os surrealistas convidam para uma adesão democrática ao gênio.⁶

Tal atitude, no entanto, não está descolada do tempo em que se insere. Os anos eram 1924 e 1925, os surrealistas viviam o espírito do início da Revolução Russa, daí o apelo à palavra comunismo, mas também viviam o pós Primeira Guerra, o que criava um sentido de urgência política frente a um mundo que, após a devastação, tinha seu espírito ameaçado pela “estagnação”, para retomar a fala de Breton em entrevista de 1952.⁶

Dado isso, surge a necessidade de lutar contra essa “estagnação”, e daí a “função” do surrealismo. Essa “função” definitivamente marca uma linha que o movimento perseguirá com o decorrer dos anos, e que certamente fará parte das decisões políticas tomadas por esse mesmo movimento no decorrer da história. Uma linha que, como vimos, Breton notará claramente ao declarar os surrealistas como cauda dos românticos, e devido não apenas à localização temporal do surrealismo em relação ao romantismo, uma espécie de último herdeiro até então, mas também à radicalização que o surrealismo dará ao desejo de revolta romântico.

Porém, essa revelação não se dá espontaneamente. Durante os anos 1920, os surrealistas escreveram diversos textos em que falavam abertamente sobre um desejo de revolução. No entanto, a palavra “revolução”, dentro do contexto surrealista, toma diferentes contornos – às vezes até mesmo conflitantes – entre os integrantes do movimento. É isso que leva Artaud a afirmar, em 1927, quando expulso do movimento surrealista, que “todas as exasperações da nossa querela giram em torno da palavra Revolução” (Artaud 2020b: 71).

Há muitas razões que explicam esses diferentes contornos que a palavra “revolução” toma no contexto surrealista e que geram discordância entre os integrantes do movimento. A principal delas talvez seja a urgência do tempo, do tempo histórico, que fez com que houvesse um conflito com as crenças primeiras do grupo (a expulsão de Artaud após o movimento surrealista se filiar ao Partido Comunista francês é o maior exemplo disso). Mas a palavra “revolução” tinha diferentes contornos tanto nas discussões internas do grupo quanto na própria documentação surrealista, nos seus textos. Isso pode ser explicado por dois fatores: o fato de muitos desses textos, mesmo com muitas assinaturas, serem escritos por uma única pessoa em nome do grupo; e a mudança de opinião com o decorrer do tempo, o que é comum para um movimento vivo.⁷

Mas, para entender melhor esses diferentes contornos, e, conseqüentemente, o ápice disso (a expulsão de Artaud do movimento), deve-se tanto retornar aos anos anteriores, quando Artaud adentrou o movimento, quanto observar como o debate prosseguiu posteriormente, a fim de traçar o caminho da palavra “revolução” no contexto surrealista durante esse tempo. Para realizar essa tarefa, tomaremos como recorte os textos presentes nas revistas *La Révolution surréaliste* (1924-1929) e *Le Surréalisme au service de la révolution* (1930-1933), bem como outros textos oficiais do movimento, ajuntando a eles textos de Artaud, tanto os presentes no período em que fez parte do movimento surrealista (e aqueles escritos imediatamente após sua expulsão) quanto alguns posteriores, como suas conferências no México e sua troca de correspondência com Breton, por exemplo. Dessa forma, recolocaremos Artaud no centro de um embate que não pode, de maneira alguma, ser dissociado dele e de seu pensamento.

La Révolution surréaliste

Em dezembro de 1924, sai o primeiro dos doze números da revista *La Révolution surréaliste*. Nele, logo após a capa, aparece escrito, sem autor definido e em letras grandes: “Nous sommes à la veille d'une RÉVOLUTION. Vous pouvez y prendre part” (1924: s. p.), seguido do endereço do *Bureau*, a exemplo do que acontecia nos *papillons*, que eram da mesma época. Aliás, essa não era a única semelhança com aqueles papéis. Há, ali, um convite muito parecido com o que ocorria nos *papillons* que conclamavam os leitores a encontrar o surrealismo e a partilhar o gênio. No entanto, nada é claro no convite feito na revista se nos perguntamos: que revolução é essa para a qual fui convidado a tomar parte?

Uma página depois, assinado por J. A. Boiffard, P. Éluard e R. Vitrac, aparece o texto que prefacia o primeiro número da mesma revista. Nele os surrealistas declaram: “La Révolution... la Révolution... Le réalisme c'est émonder les arbres, le surréalisme, c'est émonder la vie”. Assim, temos o primeiro entendimento sobre a “revolução” para a qual os surrealistas convidavam o leitor a tomar parte. A palavra “revolução”, aqui, ainda não tinha tomado a forte conotação social que tomou mais à frente, antes, se referia à revolução que o surrealismo (que atuava na vida⁸) pretendia empreender frente ao realismo (que atuava no mundo sensível, nas “árvores”).

Isso se deu não sem um tom irônico que, ao mesmo tempo que brinca com uma certa crítica ao surrealismo por uma castração (“émonder” [podar]) da vida – da vida material, dado o seu idealismo –, não deixa de ofender o realismo e seus adeptos, conformando sua atuação – sobretudo sua atuação no campo revolucionário – à poda das árvores, ou seja, a atividades ornamentais e sem efetividade. Essas ofensas são feitas também no “Manifesto do surrealismo”, do mesmo ano, quando Breton afirma que a atitude realista é fruto da mediocridade:

A atitude realista, pelo contrário, inspirada, de Santo Tomás de Aquino a Anatole France, no positivismo, se me afigura hostil a qualquer arrancada intelectual e moral. Tenho-lhe horror, pois ela é fruto da mediocridade, do ódio e de presunção rasteira. É dela que nascem, hoje em dia, todos esses livros ridículos que insultam a inteligência. (Breton 2001: 19)

A palavra “revolução”, no entanto, logo ganharia forte significado social quando, em janeiro de 1925, no segundo número de *La Révolution surréaliste*, Louis Aragon responde ao texto que Jean Bernier tinha publicado na revista *Clarté* em novembro de 1924 comentando o panfleto “Un Cadavre”, no qual os surrealistas faziam um cadáver – ou, como se diz em português,⁹ faziam “a caveira” – de Anatole France. A resposta de Aragon foi intitulada “Communisme et Révolution”:

Mon cher Bernier, il vous a plu de relever comme une incartade une phrase qui témoignait du peu de goût que j’ai du gouvernement bolchevique, et avec lui de tout le communisme [...] Si vous me trouvez fermé à l’esprit politique, et mieux: violemment hostile à cette déshonorante attitude pragmatique, qui me permet d’accuser au moins de modérantisme idéal ceux qui à la fin s’y résignent, c’est, vous n’en pouvez douter, que j’ai toujours placé, que je place l’esprit de révolte bien au-delà de toute politique [...] La révolution russe, vous ne m’empêcherez pas de hausser les épaules. À l’échelle des idées, c’est au plus une vague crise ministérielle. [...] Je tiens à répéter dans *Clarté* même que les problèmes posés par l’existence humaine ne relèvent pas de la misérable petite activité révolutionnaire qui s’est produite à notre orient au cours de ces dernières années. J’ajoute que c’est par un véritable abus de langage qu’elle peut être qualifiée de révolutionnaire. La terreur, croyez-le, mon cher Bernier, je sais de quoi je parle. Il ne m’arrivera pas de me prémunir contre l’éventualité d’un gouvernement communiste en France. (Aragon 1925: 32)

Na sua resposta, Aragon não deixa de apontar suas desconfiças quanto ao comunismo e quanto à Revolução Russa, que ele chama de “vaga crise ministerial”, “abuso de linguagem”, “terror”. Além disso, faz questão de colocar o “espírito de revolta bem além de toda política”. De fato, à época, essa era a conduta surrealista, que se mantinha atada ao espírito de revolta e pouco se interessava por uma revolução de caráter social, como a revolução que ocorria na Rússia.

Marcel Fourier – diretor da *Clarté* a partir de 1923 –, por sua vez, não deixa de responder a Aragon, marcando suas diferenças, que eram também as diferenças dos grupos que formavam as revistas *Clarté* e *La Révolution surréaliste*, sobretudo no que diz respeito à ação da classe contra o mundo burguês, ou seja, sobre uma revolução no plano social, haja vista que a *Clarté* era simpática ao comunismo (era ligada ao Partido Comunista francês) e, por isso, fortemente identificada com a ideia de uma revolução proletária: “Cela nous situe les uns et les autres. Aragon, anarchiste pur, se cantonne volontairement sur le plan culturel. Il combat la culture bourgeoise du dedans” (Fourrier *apud* Aragon 1925a: 32).

Aragon é chamado por Fourier de “anarquista puro” e, indiretamente, de burguês, mas o ponto central dessa crítica é a leitura que o diretor da *Clarté* faz, tanto de Aragon quanto do movimento surrealista em geral, ao dizer que o poeta – o que se estende ao surrealismo – se “limitava voluntariamente ao plano cultural”. De fato, os surrealistas dirigiam suas ações ao plano cultural, enquanto os membros da *Clarté* se preocupavam com uma revolução no plano social, ou seja, uma revolução que envolvia as classes sociais. Mas isso não quer dizer – e foi isso que Fourier não compreendeu bem nesse momento – que os surrealistas não visavam a uma mudança social: a mudança social se daria a partir de uma mudança no plano cultural. A revolução que surrealistas buscavam naquele momento, uma revolução cultural, mudaria internamente o mundo – a cultura, a vida (como tantas vezes disseram) –, não apenas sua aparência – as classes. Assim, a revolução social seria alcançada como um resultado da revolução no plano cultural.

Essa foi a postura surrealista durante um tempo, quando as ideias ainda pareciam ter algum consenso entre os membros do movimento. À época da publicação da resposta de Aragon, Artaud tinha ingressado há pouco tempo junto aos surrealistas (sua adesão foi em 1924), mas já tinha ganhado importância dentro do movimento. Tanto que, em janeiro de 1925, tornou-se diretor, conforme informa a ata de uma reunião realizada 23 de janeiro no bar Certà,¹⁰ do *Bureau de Recherches Surréalistes*, que seria fechado ao público a partir de 30 de janeiro daquele ano, de acordo com o texto “O escritório de Pesquisas surrealistas” publicado no segundo número da *La Révolution surréaliste*. Sua importância era tanta que, em carta do dia 27 de março de 1925, Breton afirmou que, em sua ausência, Artaud era responsável por assegurar a não subordinação do movimento à necessidade política:

eu me referi absolutamente ao senhor para conservar um certo número de princípios que, acredito, sem isso, teriam sido muito hipocritamente pisoteados [...] **Peço-lhe novamente que assegure - caso o movimento surrealista venha a sofrer - de não subordinar de forma alguma o interesse imediato do espírito à necessidade política ou outra.** (Breton *apud* Artaud 2020b: 82, grifo nosso)

Foi no Bureau, também, que Artaud redigiu a “DECLARAÇÃO DE 27 DE JANEIRO DE 1925”, texto considerado um marco de sua tomada de posição como diretor do Bureau e que contou com a assinatura de diversos surrealistas, entre eles Breton, Aragon e Pierre Naville. Foi nessa

declaração, inclusive, que Artaud deu outras perspectivas para o entendimento da palavra “revolução” dentro do contexto surrealista:

2º O SURREALISMO não é um meio de expressão novo ou mais fácil, nem mesmo uma metafísica da poesia; Ele é um meio de libertação total do espírito e de tudo aquilo que se parece com ele. 3º Nós realmente estamos decididos em fazer uma Revolução. 4º Nós juntamos a palavra SURREALISMO à palavra REVOLUÇÃO para mostrar o caráter desinteressado, desapegado, e até completamente desesperado dessa revolução. 5º Nós não pretendemos mudar nada dos costumes dos homens, mas realmente temos a intenção de demonstrar a fragilidade de seus pensamentos e os alicerces móveis, os porões sobre os quais eles fixaram suas casas trêmulas [...] 8º Nós somos especialistas da Revolta. Não há meio de ação algum que nós não sejamos capazes, se necessário, de empregar [...] [O surrealismo] é um grito do espírito que está voltado em si mesmo e que está decidido a triturar desesperadamente seus obstáculos e, se necessário, por meio de martelos materiais. (Artaud 2020b: 31-32)

A partir desse texto, pode-se identificar nas palavras “revolta” e “revolução” o centro do embate que se daria depois, quando da expulsão de Artaud do movimento surrealista. A palavra “revolução” é apresentada de forma desinteressada, desapegada, enquanto Artaud declara os surrealistas “especialistas da Revolta”. E não podemos dizer que essa não era a posição do movimento, afinal, se tratava de um documento oficial, que apresentava uma assinatura conjunta e fazia uso do pronome plural, tudo que destaca uma tomada de posição coletiva, para além da opinião somente de Artaud.

Mas, até então, nada de novo frente ao apresentado já no texto de Aragon, que, além de “dar de ombros” para a Revolução Russa, declarava colocar “o espírito de revolta bem além de toda política”. No entanto, nota-se no texto de Artaud a afirmação de que o surrealismo é “um meio de libertação total do espírito”, e que os surrealistas pretendiam “demonstrar a fragilidade de seus pensamentos [dos homens] e os alicerces móveis, os porões sobre os quais eles fixaram suas casas”. Isso começa a esclarecer, por exemplo, o que seria o “podar a vida” que aparece no prefácio ao primeiro número da revista *La Révolution surréaliste*, ou o que seria o “plano cultural” de que fala Fourier na sua resposta a Aragon.

Essa questão, aliás, será mais desenvolvida em dois textos que surgem poucos meses depois, em abril de 1925, e que ficam conhecidos como “Dois documentos internos”. Enquanto um dos textos foi escrito por Artaud, o outro foi escrito coletivamente e nele os surrealistas começam a pôr em xeque suas clarezas quanto a uma “revolução surrealista” e passam a separar os princípios surrealistas dos princípios revolucionários. Certamente era o início do flerte com a ideia de uma revolução social, e possivelmente com uma ideia de revolução comunista. Mas, como tal ideia não era consenso entre os presentes, a decisão é deixar marcado “certo estado de furor” e que esse seria o caminho para atingir uma “iluminação surrealista”:

Os membros abaixo-assinados de a *Revolução Surrealista*, reunidos, no dia 2 de abril de 1925, com o objetivo de determinar qual dos dois princípios, surrealista ou revolucionário, era mais suscetível de guiar sua ação, sem chegar a um acordo a esse respeito, concordaram com os seguintes pontos: **Que antes de toda preocupação surrealista ou revolucionária o que domina em seu espírito é um certo estado de furor. Eles pensam que é no caminho deste furor que eles são mais suscetíveis de atingir o que poderíamos chamar de iluminação surrealista.** Que um dos primeiros objetivos a atingir é a elucidação dos pontos que esse furor deveria mais particularmente explorar. Eles identificam, por enquanto, um só ponto positivo ao qual pensam que todos os outros membros de a *Revolução Surrealista* deveriam aderir: que o espírito é um princípio essencialmente irreduzível e que não consegue se fixar à vida, nem ao além. (Artaud 2020b: 96, grifo nosso)

Esse “certo estado de furor” não deixa de retomar o “espírito de revolta”. Porém é só no texto redigido por Artaud que as ideias dão um passo à frente, desenvolvendo mais claramente o que seria a “liberação do espírito” da qual falavam meses antes:

A realidade imediata da revolução surrealista não é tanto de mudar o que quer que seja na ordem física e aparente das coisas quanto de criar um movimento dentro dos espíritos. **A ideia de uma revolução surrealista qualquer tem como objetivo a substância profunda e a ordem do pensamento [...] O surrealista está lutando, se insurgindo contra todos os aspectos possíveis e impossíveis da realidade.** Todo verdadeiro adepto da revolução surrealista é obrigado a pensar que o movimento surrealista não é um movimento no abstrato, e especialmente num certo abstrato poético, odioso ao mais alto nível, mas que ele realmente é capaz de mudar alguma coisa nos espíritos [...] **A revolução surrealista não é uma simples ideologia, ela não se contenta só com palavras ou doutrinas, ela quer tocar as carnes, ela não é uma imagem da vida, ela trata de conceitos vitais, de princípios de ordem elevada no espírito, mas que podem ter suas repercussões na vida física dos homens.** (Artaud 2020b: 95-96, grifo nosso)

A ideia de “revolução”, então, está posta novamente. Trata-se de uma revolução no espírito, na “substância profunda” e na “ordem do pensamento”, uma insurreição contra a realidade: primeira e maior inimiga dos surrealistas, contra a qual depositavam suas forças, e, em primeiro plano, contra a qual resolveram fundar o surrealismo, na tentativa de superá-la. Porém, se essa ideia de “revolução” está distante de aspectos materiais, como as condições sociais das classes, nem por isso, como afirma Artaud, deixaria de repercutir “na vida física dos homens”. Repercutiria sim na materialidade social, mas como consequência, não como objetivo primário.

Ainda em abril de 1925, no terceiro número da *La Révolution surréaliste*, mais contradições aparecem quanto ao que seria uma “revolução surrealista”. Surge, pela primeira vez nas edições da revista, logo após a seção *Rêves*, na qual os surrealistas relatavam seus sonhos, um glossário. Nesse glossário há a palavra *RÉVOLUTION*, que vem seguida de sua explicação:

“solution de tout rêve” (1925b: 6). A organização das seções impõe um jogo metalinguístico na interpretação da palavra revolução, já que a revolução apareceria como “solução” (o final) da seção *Rêves*, mas também apareceria como “solução” do sonho, que é, no surrealismo, um meio de expressão, sobretudo poético. Assim, a revolução seria a solução (no sentido de uma solução química) do método de expressão do surrealismo, ou seja, aquilo que esse método cria, o que retoma e reforça a ideia central do surrealismo da inseparabilidade entre a estética e a política. Nesse sentido, se aproxima da ideia, apresentada por Artaud nos “Dois documentos internos”, de que a “revolução surrealista” tem “como objetivo a substância profunda e a ordem do pensamento”, já que a revolução social, por exemplo, não se realizaria pelo sonho ou pela poesia.

No entanto, no mesmo número da revista, aparece uma frase solta de André Masson que diz: “Il faut se faire une idée physique de la révolution” (1925b: 13). Uma ideia estritamente física de revolução é justamente o contrário do que Artaud escreveu nos “Dois documentos internos” e da posição surrealista de então. Porém, para o curso da história do conceito de “revolução” no surrealismo, esse é um momento crucial, o primeiro em que a revolução social toma caráter claro e direto. Dessa forma, a ideia de uma revolução social se mostra cada vez mais pungente, mas ainda não é predominante no meio surrealista. Dois textos presentes já nas páginas finais do mesmo número da revista dão noção disso. O primeiro é “Description d’une révolte prochaine”, escrito por Robert Desnos, no qual o autor fará uma defesa da revolta do espírito contra a matéria, retomando preceitos¹¹ presentes na “DECLARAÇÃO DE 27 DE JANEIRO DE 1925”, sobretudo aqueles que afirmam que os surrealistas, especialistas da revolta, estão dispostos a empregar qualquer meio de ação:

Alors l'amant lyrique et le sage se diront que le temps de la révolte de l'esprit contre la matière est venu. [...] Ce que sera cette révolte spontanée, casernes et cathédrales en flammes, ou prise de pouvoir irrésistible dans un monument public: devant une table, à tapis vert, un président de République, légion d'honneur en sautoir, et ses ministres en veston emmenés par des insurgés corrects, peu importe. Ce qui importe, c'est le régime auquel aboutira ce renversement des pouvoirs. J'ai toujours méprisé ces révolutionnaires qui, pour avoir mis un drapeau tricolore à la place d'un drapeau blanc, s'estimaient satisfaits et vivaient tranquillement, décorés par le nouvel État, pensionnés par le nouveau gouvernement. **Non, pour un révolutionnaire, il n'y a qu'un régime possible: LA RÉVOLUTION, c'est-à-dire LA TERREUR.** C'est l'instauration de celle-ci qui m'intéresse et son avènement seul aujourd'hui me fait encore espérer la disparition des canailles qui encombrant la vie. [...] Seule la guillotine peut, par des coupes sombres, éclaircir cette foule d'adversaires auxquels nous nous heurtons. Ah ! qu'elle se dresse enfin sur une place publique la sympathique machine de la délivrance. Elle sert depuis trop longtemps aux fins de la crapule. Assassins, bandits, forbans, vous fûtes les premiers révoltés. Le parti immonde des honnêtes gens vous a consacré au dieu de la lâcheté et de l'hypocrisie. Ce que je n'aurai sans doute jamais le courage d'accomplir, vous l'avez tenté et vos têtes coupées, roulées par quelque invisible océan, s'entrechoquent ténébreusement, quelque part dans un coin de l'âme

universelle. [...] **Les grandes Révolutions naissent de la reconnaissance d'un principe unique: celui de la liberté absolue sera le mobile de la prochaine.** (Desnos 1925b: 26-27, grifo nosso)

Desnos elege como os primeiros revoltados os assassinos, os bandidos, os piratas, aqueles que tiveram suas cabeças cortadas pela guilhotina, “a simpática máquina da libertação”, que agora tinha sido libertada das mãos dos crápulas para ocupar um lugar público. Essa menção à guilhotina não é gratuita, antes, ela cria a imagem do que seria essa “revolta” defendida por Desnos: o terror, a insubmissão. Porque, como ele bem coloca, são revoltados aqueles que desafiam a ordem das coisas, aqueles que se situam no lado oposto do poder e por isso são condenados por aqueles que detêm o poder. No entanto, o terror a que ele se refere não é qualquer terror, nem sequer o terror de que fala Aragon ao se referir à Revolução Russa. O terror ao qual Desnos alude e que aqui aparece como sinônimo de revolução, não à toa, é o Período de Terror da Revolução Francesa (fica clara, então, a imagem da guilhotina). E isso não se dá apenas pela violência. A ideia geral de Desnos é de que – ao contrário das revoluções, em que, após o terror, se instituem Estados nos quais os revolucionários vivem pacificamente, satisfeitos e aposentados – “para um revolucionário, só existe um regime possível: A REVOLUÇÃO, isso é dizer O TERROR”. Ou seja, só é possível o próprio terror enquanto regime. Assim, o terror não é apenas um período pelo qual se passa para chegar à estabilidade da revolução, e sim o estado de insurreição ao qual se deve aderir, porque “[a]s grandes Revoluções nascem do reconhecimento de um único princípio: o da liberdade absoluta será o motor da próxima”, isto é, nenhuma revolução é permanente, dentro delas sempre há uma próxima revolução germinando. O que importa nelas é esse estado de insurreição no qual as mudanças são, de fato, promovidas, estado que poderíamos chamar, no âmbito do contexto surrealista, de “revolta”. Nesse sentido, esse estado de revolta seria próximo àquilo que Artaud entendia como revolução, “um movimento sempiterno”, como afirma a professora e pesquisadora brasileira Ana Kiffer, em seu livro *Antonin Artaud*, de 2016:

A revolução, para Artaud, compreenderia um movimento sempiterno, desestabilizador, constante, inconciliável face aos pontos de fixação – ideológicos e doutrinários. Mas, ainda, seria uma revolução agindo sobre a organização dos corpos, desfazendo suas amarras orgânicas já que estas serviriam justamente à invasão ou à “incubação” das doutrinas, sempre maléficas. (Kiffer 2016: 110)

Mas essa revolução agiria sobre a organização dos corpos, sobre suas possibilidades e limites – esses inventados pela tradição ocidental, com a ciência, a religião, a medicina, aquilo que aprisiona o homem. É também se revoltando contra isso que os surrealistas dedicavam sua revolução, conforme Artaud diz em carta a Breton, já em 1947:

A atividade surrealista era revolucionária com a condição de reinventar tudo sem mais obedecer em nenhum ponto a alguma noção trazida pela ciência, a religião, a medicina, a cosmografia etc. E [há] nesse ponto uma revolução ainda a ser feita com a condição de que o homem não se

pense revolucionário somente no plano social, mas que ele acredite que deve sê-lo, sobretudo, no plano físico, fisiológico, anatômico, funcional, circulatório, respiratório, dinâmico, atômico e elétrico. (Artaud 2017: 127-128)

Inclusive, é de autoria de Artaud o segundo texto presente nas páginas finais do terceiro número de *La Révolution surréaliste*, intitulado “A atividade do gabinete de pesquisas surrealistas”. E é lá que ele define seu conceito de “revolução surrealista”:

A existência de uma revolução surrealista nas coisas pode ser aplicada a todos os estados de espírito, a todos os tipos de atividade humana, a todos os estados do mundo no meio do espírito, a todos os fatos morais estabelecidos, a todas as ordens do espírito. Essa revolução visa a uma desvalorização geral dos valores, à depreciação do espírito, à desmineralização da evidência, a uma confusão absoluta e repetida das línguas, ao desnivelamento do pensamento. Ela visa à ruptura e à desqualificação da lógica que ela vai perseguir até extirpar seus redutos primitivos. Ela visa à reclassificação espontânea das coisas de acordo com uma ordem mais profunda e mais fina, e impossível de elucidar pelos meios da razão ordinária, mas uma ordem ainda assim, e perceptível para não se sabe que sentido..., mas perceptível ainda assim, e uma ordem que não pertence exatamente à morte [...] O surrealismo é antes de tudo um certo estado de espírito, ele não preconiza receitas. (Artaud 2020b: 54)

A defesa de Artaud da “revolução surrealista” parte de um distanciamento da questão social em direção a uma revolução do espírito. Assim, ela pode parecer, a princípio, idealista, já que seria aplicada ao espírito, à moral, aos valores, ao pensamento, à lógica, em suma, a coisas abstratas, jamais ligada a substantivos concretos. No entanto, como perceberemos mais à frente, isso não se descola totalmente de uma certa materialidade, já que, atuando no espírito, no pensamento, a “revolução surrealista” alcançaria, como uma segunda intenção, a “carne”, a sociedade, as classes, podendo ter repercussões na vida física do homem, como ele próprio já havia afirmado antes.

Em 15 de outubro de 1925, no quinto número da *La Révolution surréaliste*, um texto sai sob assinatura coletiva de mais de 50 pessoas, entre elas Artaud, Breton e Aragon. Esse texto foi intitulado “La Révolution d’abord et toujours!” e definia um conceito de “revolução” de maneira mais precisa:

5^o Nous sommes la révolte de l’esprit; nous considérons la Révolution sanglante comme la vengeance inéluctable de l’esprit humilié par vos œuvres. Nous ne sommes pas des utopistes: cette Révolution nous ne la concevons que sous sa forme sociale. S’il existe quelque part des hommes qui aient vu se dresser contre eux une coalition telle qu’il n’y ait personne qui ne les réprouve (traîtres à tout ce qui n’est pas la Liberté, insoumis de toutes sortes, prisonniers de droit commun), qu’ils n’oublient pas que l’idée de Révolution est la sauvegarde la meilleure et la plus efficace de l’individu. (Aragon *et alii* 1925d: 32)

Tratava-se, sim, afinal, de uma revolução de ordem social, abandonando um certo lugar de utopia que desvencilhava a revolução de seu objetivo social e de seus meios eminentemente violentos (a revolução é caracterizada como sangrenta). No entanto, ali as formas da revolta continuam a aparecer, tanto sob a forma de autonegação (“nós somos a revolta do espírito”) quanto sob a forma do chamado aos revoltados: “insubmissos de todos os tipos, prisioneiros da lei comum” (retomando, de certo modo, os assassinos, bandidos e piratas de Desnos). Isso que pode parecer contraditório na verdade não necessariamente o é, haja vista que, para uns, a revolta do espírito não estava distante de uma revolução sob sua forma social, sendo possível que os termos se complementassem ou que um fosse instrumento do outro. Esse último caso é o de Pierre Naville,¹² que acreditava que a revolta poderia ser um passo para a revolução, como nota Michael Löwy: “em última análise, ele esperava que o surrealismo, apesar de seu caráter 'nitidamente romântico', fosse capaz de dar o passo que vai da revolta à revolução” (2018: 49).

Mas o pensamento de Naville, com a instrumentalização da revolta em direção à revolução, não ressoaria com grande força, visto que a maior parte dos surrealistas (esse dado seria confirmado pelo massivo número de pessoas que assinaram o texto “La Révolution d’abord et toujours!!”) acreditava numa possível conciliação entre o espírito de revolta e a revolução, sem que um fosse ferramenta para outro ou que se colocassem em planos opostos. Assim também acreditaria Löwy, mas em outros termos, observando que esse espírito de revolta, para os surrealistas, se manifestaria na poesia:

Na realidade, os surrealistas estavam divididos entre três tendências: aqueles que, como Naville, insistiam na revolução nos fatos; aqueles que, como Artaud, acreditavam somente na revolução espiritual; e aqueles que, como Breton e a maioria do grupo, buscavam a unidade, a essência comum dos dois, partindo do postulado de que poesia e revolução são irmãs. (Löwy 2018: 50)

Acerca disso caberia acrescentar, sobre Artaud, que o termo “espiritual” não dá conta daquilo que ele postulava para a “revolução surrealista”, que deveria atingir, além do espírito, a linguagem, a cultura e a ordem do pensamento, como ficou claro em “Dois documentos internos”. Tal pensamento, inclusive, seria retomado anos depois, em 1936, na carta enviada a Jean Paulhan, à época diretor da editora Gallimard, onde afirmava “que a Revolução desperta em toda parte e que é uma Revolução pela cultura, NA cultura e que não há senão uma cultura mágica tradicional, e que a loucura, a utopia, o irrealismo, o absurdo, tornar-se-ão realidade” (Artaud 2017: 73).

O que seria, no entanto, essa revolução pela e na cultura? Uma resposta possível seria a de que essa revolução precisaria se desenvolver reformulando a cultura, em específico a cultura europeia, que ele cada vez mais vê à beira da falência, sobretudo por conta de sua estadia no México nos anos 1930. Mas como isso se daria? Pela cultura, a partir da proposição de uma cultura outra. Assim, essa revolução precisaria pôr em xeque essa cultura falida, soterrada pelos seus livros e suas artes sem vida, pelo discurso moral, pelas práticas médico-legais que aprisionam. Pôr em xeque e em certa medida até mesmo destruir essa cultura, como afirma

Artaud em uma palestra que dá no mesmo ano, ainda no México, intitulada “O homem contra o destino”:

Quando falamos hoje de cultura, os governos pensam em abrir escolas, em fazer funcionar as prensas de livros, em escorrer a tinta da imprensa, enquanto que para amadurecer a cultura seria necessário fechar as escolas, queimar os museus, destruir os livros, quebrar as máquinas de impressão. (Artaud 2020a: 116)

Mas retornemos ao quinto número de *La Révolution surréaliste*, pois é nele que, assumindo de vez o papel de não-utópico, Breton, em texto intitulado “Léon Trotsky: Lénine”, vai se resguardar das críticas que outros surrealistas fizeram a respeito da Revolução Russa e ao comunismo, até mesmo as questionando, além de afirmar as qualidades que essa revolução, nas condições que lhe eram próprias, trouxe ao mundo ao romper com o mundo antigo, dizendo, ainda, que tal revolução não tinha terminado de fato e que também, por isso, não era o momento de julgá-la:

Je pense en effet que le communisme, en existant comme système organisé, a seul permis au plus grand bouleversement social de s'accomplir dans les conditions de durée qui étaient les siennes. Bon ou médiocre, en soi défendable ou non au point de vue moral, comment oublier qu'il a été l'instrument grâce auquel ont pu être abattues les murailles de l'ancien édifice, qu'il s'est révélé comme le plus merveilleux agent de substitution d'un monde à un autre qui fut jamais ? Pour nous, révolutionnaires, il importe peu de savoir si le dernier monde est préférable à l'autre et, du reste, le moment n'est pas venu d'en juger. Tout au plus s'agirait-il de savoir si la Révolution russe a pris fin, ce que je ne crois pas. Finie, une révolution de cette ampleur, si vite finie? Déjà les valeurs nouvelles seraient aussi sujettes à caution que les anciennes ? Allons donc, nous ne sommes pas assez sceptiques pour en rester à cette idée. (Breton 1925d: 29)

Breton ainda declara que se opõe “a que levem consigo, por menor que seja, o espírito geral do qual afirmamos fazer parte” – ou seja, o espírito do surrealismo – aqueles que têm ainda algum receio acerca dessa revolução. Isso porque o espírito do surrealismo deve fazer chegar à realidade revolucionária “por todos os meios e a todos os custos”. Com isso, ele já estaria, de certo modo, antecipando a expulsão de Artaud, que era contrário a adesão do movimento ao Partido Comunista Francês e, conseqüentemente, à revolução comunista.

Essa postura um tanto expurgatória da parte de Breton ainda apareceria, brevemente, no sexto número de *La Révolution surréaliste*, de 1º de março de 1926, no seu texto “Le Surréalisme et la Peinture”, que teve início no número anterior da revista e só teria seu fim um número depois: “La Révolution, sur la définition de laquelle on ne peut aujourd’hui que s’entendre, nous la verrons et elle aura raison de nos scrupules. C’est devant elle et seulement devant elle que je juge utile d’assigner les meilleurs des hommes que je connais” (Breton 1926a: 30).

Nele, Breton anuncia que a definição (ou, se quisermos, o conceito) de “revolução” estava bem definida. Isso se dá, como se pode perceber pela trajetória até aqui apresentada, de modo um tanto quanto autoritário, já que, como vimos, as ideias, claras para Breton, acerca do que seria a “revolução surrealista”, ou do que seria a revolução para a qual os surrealistas se dedicariam, ainda eram dúbias para o movimento de maneira geral. Não à toa, no sétimo número de *La Révolution surréaliste*, de 15 de junho de 1926, é publicado um pequeno texto de Marcel Fourrier – diretor da *Clarté*, revista ligada ao Partido Comunista francês, que havia participado de uma polêmica com Aragon alguns anos antes por conta, entre outras coisas, da postura que o surrealista tinha quanto à Revolução Russa – intitulado “L’opportunisme impuissant”: “En vérité, la cause révolutionnaire s’internationalise chaque jour davantage, et elle s’élargit aussi chaque jour davantage au fur et à mesure que tous les révolutionnaires mettent en concordance leurs révoltes, ou plutôt les identifient à la même cause: la révolution prolétarienne” (Fourrier 1926b: 29).

Ali, Fourrier defende uma ideia de revolução cara a ele e a seu grupo, ideia que coloca as revoltas individuais a serviço de uma mesma causa, a revolução proletária, fazendo com que certo espírito de revolta tão caro ao surrealismo fosse instrumentalizado, ou seja, usado para alcançar um outro objetivo (diríamos, pela perspectiva de Fourrier, um objetivo maior). Essa ideia de uma revolução social, no entanto, não era consenso entre os surrealistas, apesar da crença (ou do desejo) de Breton por sua unanimidade, o que resultaria, poucos meses depois, quando da adesão do movimento ao Partido Comunista francês, na expulsão de integrantes do grupo, alguns contrários, justamente, a essa ideia de revolução que se colocava.

Tal adesão ficaria marcada em texto que saiu no oitavo número de *La Révolution surréaliste*, de 1 de dezembro de 1926. Esse texto, escrito por Breton, foi intitulado “Légitime defense”, e confirmava a adesão ao projeto comunista, mas não sem certas reservas, sobretudo no que diz respeito ao programa cultural do partido. Porém, Breton logo trata de pôr panos quentes sobre tais reservas, reafirmando na revolução uma “necessidade fundamental”, e que as divergências se davam apenas quanto aos meios aos quais se chegaria a ela:

D’effort réel, en dehors du rappel constant à l’intérêt humain immédiat, d’effort qui tend à détourner l’esprit de tout ce qui n’est pas la recherche de sa nécessité fondamentale – et l’on pourrait établir que cette nécessité ne saurait être que la Révolution – je n’en vois pas plus que de tentative sérieuse pour dissiper des malentendus souvent formels, ne portant que sur les moyens, et qui, sans la division par camps qu’on ne s’oppose aucunement à ce qu’ils entraînent, ne seraient pas susceptibles de mettre en péril la cause défendue. (Breton 1926c: 31)

Ele tratava, no entanto, das divergências que os surrealistas que aderiram ao partido tinham com este, não das divergências que tinham com os outros surrealistas, aqueles que negariam a adesão ao projeto comunista, haja vista que as divergências entre esses eram muito mais profundas do que meros mal-entendidos formais, já que suas discordâncias eram do campo mesmo de entendimento sobre o sentido da palavra “revolução”, não apenas quanto

aos meios pelos quais se chegaria a ela. Apesar da posição, Breton não vai deixar de defender o trabalho das palavras, que não seria apenas um trabalho ornamental, ou, segundo ele, “um trabalho de laboratório”, sem relação com a vida, e para isso irá até elogiar uma potência criativa da revolta, retomando certos preceitos originais do surrealismo. Todavia, isso ocorre seguido de uma crítica àqueles, em possível referência a outros integrantes do movimento surrealista, que enxergam na palavra somente seu uso literário, e que objetivam, através desse uso, um “renascimento artístico” que promoveria um “renascimento social”. Reafirmando, a partir disso, a revolução social:

Nous avons toujours déclaré et nous maintenons que l'émancipation du style, réalisable jusqu'à un certain point dans la société bourgeoise, ne saurait consister dans un travail de laboratoire portant abstraitement sur les mots. Dans ce domaine comme dans un autre, il nous paraît que la révolte seule est créatrice et c'est pourquoi nous estimons que tous les sujets de révolte sont bons. Le plus beaux vers d'Hugo sont ceux d'un ennemi irréductible de l'oppression [...] Les mots sont, en effet, bien autre chose et ils sont même peut-être tout. Ayons pitié des hommes qui n'ont compris que l'usage littéraire qu'ils pouvaient en faire et qui se vantent par là de préparer "la renaissance artistique qu'appelle et qu'ébauche la renaissance sociale de demain". (Breton 1926c: 33-34)

Por outro lado, Breton também tinha que lidar com certa desconfiança dos comunistas. Essa desconfiança vem de uma brochura de Naville chamada *A Revolução e os Intelectuais. O que os surrealistas podem fazer?*, na qual ele apresenta certos questionamentos quanto à atitude surrealista dentro do marxismo, apesar de tentar conciliar os dois, já que o próprio Naville relacionava-se simultaneamente com os surrealistas e com o Partido Comunista francês. Tal desconfiança ocorria sobretudo questionando se os surrealistas estavam empenhados na revolução do espírito ou se estavam comprometidos, de fato, com a revolução do mundo dos fatos, ou seja, a revolução comunista. Uma desconfiança que mostra, sobretudo, uma boa leitura de Naville do movimento, identificando um ponto central da divergência que os surrealistas tinham quanto ao que era a “revolução surrealista”.

A resposta de Breton a isso vem ainda em “Légitime defense”. Ela se dá pela reafirmação da união entre o espírito e o mundo dos fatos, o mundo material – das classes –, afirmando que não existe separação entre o mundo interior e o mundo exterior. Além disso, ele reafirma seu desejo de ver “o poder passar das mãos da burguesia às do proletariado”:

Voici, du reste, la question essentielle qu'il nous pose: “oui ou non, cette révolution souhaitée est-elle celle de l'esprit a priori, ou celle du monde des faits? Est-elle liée au marxisme, ou aux théories contemplatives, à l'épuration de la vie intérieure?” **Cette question est d'un tour beaucoup plus subtil qu'elle n'en a l'air, quoique sa principale malignité me paraisse résider dans l'opposition de la réalité intérieure au monde des faits, opposition tout artificielle qui cède aussitôt à l'examen. Dans le domaine des faits, de notre part aucune équivoque n'est possible:**

il n'est personne de nous qui ne souhaite le passage du pouvoir des mains de la bourgeoisie à celles du prolétariat. (Breton 1926c: 34-35, grifo nosso)

Poucos dias depois da publicação desse texto em *La Révolution surréaliste*, os surrealistas se reúnem num café em Paris para decidir o que fazer quanto à revolução, mas a decisão de aderir ao Partido Comunista Francês já estava tomada. Artaud, em “Surrealismo e revolução”, já uma década depois do ocorrido, vai retomar aquele acontecimento, reafirmando o porquê de sua posição contrária à filiação do movimento surrealista à revolução comunista:

Artaud se importa com a revolução? Me perguntaram. Não estou nem aí para a de vocês, e sim para a minha, respondi ao sair do Surrealismo, já que o Surrealismo também havia se tornado um partido. Essa revolta pelo conhecimento, que a revolução surrealista queria ser, não tinha nada a ver com uma revolução que pretende já conhecer o homem, e que o aprisiona na jaula de suas mais grosseiras necessidades. (Artaud 2020a: 107, grifo nosso)

Nessa palestra, Artaud afirma que a “revolução surrealista”, ao menos como ele a entendia, queria ser uma revolta pelo conhecimento, e que não tinha a ver com uma revolução que, pretendendo conhecer o homem, o aprisionava na jaula de suas necessidades, de suas necessidades materiais,¹⁴ evidentemente, já que é isso que a revolução comunista alcançaria de imediato com a mudança de classes: alimentação, moradia, direitos básicos. Mas, para Artaud, a “revolução surrealista” deveria alcançar o espírito, ser realizada através do conhecimento e para atingi-lo.

Muito se passou no ano de 1926, um ano fulcral para a história do movimento e que suscitou muitas polêmicas. Essas polêmicas, especialmente a adesão dos surrealistas ao Partido Comunista francês e a expulsão de Artaud do movimento, marcariam também o ano seguinte, a começar pela publicação do panfleto “*Au grand jour*”, assinado por Aragon, Breton, Éluard, Péret e Unik, que sinalizava o rompimento com os antigos colaboradores Artaud e Soupault, por conta de “la poursuite isolée de la stupide aventure littéraire” (Aragon *et alii* 1964: 261) desses últimos. Artaud, no entanto, é objeto privilegiado das críticas e ofensas desse panfleto, e nem a sua posição sobre o que seria a “revolução surrealista” foi poupada, quando os autores do referido texto afirmaram que ele, Artaud,

voulait voir dans la Révolution qu'une métamorphose des conditions intérieures de l'âme, ce qui est le propre des débiles mentaux, des impuissants et des lâches. Jamais, dans quelque domaine que ce soit, son activité (il était aussi acteur cinématographique) n'a été que concession au néant [...] Il ne concevait, ne reconnaissait d'autre matière que « la matière de son esprit », comme il disait. Laissons-le à sa détestable mixture de rêveries, d'affirmations vagues, d'insolences gratuites, de manies [...] Cette canaille, aujourd'hui, nous l'avons vomie. Nous ne voyons pas pourquoi cette charogne tarderait plus longtemps à se convertir, ou, comme sans doute elle dirait, à se déclarer chrétienne. (Aragon *et alii* 1964: 261)

Essas ofensas já antecipam o tom que vai aparecer também no “Segundo Manifesto do Surrealismo”, no qual Artaud volta a ser alvo de ataques junto a outros expurgados. Mas, diferentemente do que ocorreria dois anos depois, quando da publicação do referido texto no último número da *La Révolution surréaliste* (1929), em que as ofensas estariam majoritariamente ligadas a questões como honra e caráter (questões pessoais, assim podemos dizer), aqui elas aparecem ligadas sobretudo às palavras relacionadas àquilo que Artaud entendia fazer parte da “revolução surrealista” (“metamorfose das condições interiores da alma”, “matéria do espírito”). Assim, o ataque aqui é direcionado primeiro às ideias de Artaud, sobretudo às ideias acerca do que seria a revolução, e depois, por meio dessas, os ataques passavam a dirigir-se à pessoa, já que, para os autores do texto, “ver na Revolução uma metamorfose das condições interiores da alma” é “característica dos deficientes mentais, dos impotentes e dos covardes”.

Ao texto “Au grand jour”, Artaud responde de imediato com o panfleto “Em plena noite ou o blefe surrealista”. Nele, se defende das acusações e defende também sua ideia de “revolução”, questionando, ainda, se o surrealismo não havia morrido quando abandonou sua própria ideia de revolução para aderir “ao comunismo e buscar no domínio dos fatos e da matéria imediata o resultado de uma ação que só podia se desenvolver no quadro íntimo do cérebro” (Artaud 2020b: 72). Para ele, o movimento havia de fato abandonado a sua própria revolução para dedicar-se e ser subserviente à revolução de um outro. Assim, a filiação do movimento surrealista ao Partido Comunista Francês marcava a guinada para uma revolução no plano social – referente às classes sociais e às conquistas dessa classe, como as reivindicações trabalhistas –, uma revolução comunista, o que se distanciava da “revolução surrealista”, que visava a penetrar mais profundamente na matéria da vida, incendiando “a base de toda a realidade”, já que era exatamente contra a realidade que o surrealismo, desde sua fundação, investia suas forças. Para Artaud, portanto, a revolução não poderia ser só na ordem social – que é da ordem das aparências –, na qual a passagem do poder da burguesia ao proletariado só mudaria a “armadura social do mundo”.¹⁴ Ela precisaria ser mais profunda, fazendo com que a mudança na ordem social fosse mera consequência, não seu objetivo primário. À mudança na ordem social, portanto, se chegaria por “sobreacréscimo”.¹⁵ Isso se dá sobretudo pelo fato de que, para ele, o plano social e o plano material das coisas são apenas uma “representação inútil e subentendida”: “a metamorfose exterior é uma coisa que para mim só pode vir como complemento. O plano social, o plano material aonde os surrealistas dirigem suas pobres veleidades de ação, seus ódios para sempre virtuais, não passa para mim de uma representação inútil e subentendida” (Artaud 2020b: 77).

A “revolução surrealista”, por outro lado, seria uma questão de espírito, distante dessa representação que é a realidade. Assim, a vida prática não teria lugar dentro dela, como afirma Artaud em “Ponto final”, de 1927, resposta ao jornalista e escritor Joseph Barsalou acerca da polêmica daquele ano envolvendo sua expulsão do movimento surrealista (quando também denuncia o marxismo como “última fruta podre da mentalidade ocidental”, mentalidade contra a qual ele irá se impor, como vimos):

[O] tipo de revolução que o surrealismo supunha originalmente era impensável, na dimensão da vida. Tangível ou não tangível, a revolução é uma questão de espírito, e o espírito prático nunca teve nada que fazer lá dentro. Que reviravoltas na ordem das coisas são comparáveis às reviravoltas que o pensamento fixou? O absoluto de uma atitude espiritual qualquer é superior a qualquer reviravolta real, mas precária. Esse ponto de vista de um idealismo integral, acredito que seja urgente afirmá-lo agora se não quisermos que o surrealismo nos conduza a uma forma bastarda e abjeta de realismo. Porque é diretamente a isso que a revolução marxista nos conduz. O marxismo é a última fruta podre da mentalidade ocidental. (Artaud 2020b: 84-85, grifo nosso)

Outro ponto que entra em jogo é a questão da individualidade e da liberdade. Artaud, ainda em “Em plena noite ou o blefe surrealista”, antecipando de algum modo a perseguição e as prisões que ocorreriam na União Soviética anos depois, vai afirmar que “todos os verdadeiros revolucionários pensam que a liberdade individual é um bem superior ao de qualquer conquista obtida num plano relativo” (2020b: 77). Assim, faz sua defesa da liberdade, já que, para o que ele entendia como revolucionário, a liberdade seria mais importante que as conquistas coletivas que pudessem, um dia, justificar a restrição dela.

Mas não se tratava apenas disso, como vai ficar claro em “Ponto final”, quando ele vai colocar a revolução no plano individual, ao contrário do plano coletivo da revolução comunista: “Sem desconhecer as vantagens de sugestão coletiva, acredito que a verdadeira Revolução seja uma questão individual” (Artaud 2020b: 87). Tal posição não deixa de ser estranha até mesmo ao surrealismo, haja vista que, desde o início do movimento, seu pungente senso de coletividade era evocado: dos convites feitos nos *papillons* às reuniões no *Bureau*, dos textos coletivos à criação de mecanismos coletivos de escrita, como o *cadavre exquis*.

Uma defesa de Breton à acusação de um abandono da “revolução surrealista” se encontra em 15 de dezembro de 1929, no décimo-segundo, e último, número de *La Révolution surréaliste*, momento em que aparece o “Segundo Manifesto do surrealismo”. Nele, Breton vai defender que a adesão à revolução comunista visava a, sobretudo, garantir as condições materiais ao homem para que ele pudesse realizar uma revolução futura, afirmando que o destino do materialismo histórico é “lançar à cara do embaçado mundo intelectual a ideia de que “o homem é aquilo que ele come” e que uma revolução futura teria maiores probabilidades de sucesso se o povo se alimentasse melhor: no caso, se comesse ervilhas ao invés de batatas” (Breton 2001: 171). Mas o que se viu, de fato, foi além de uma adesão momentânea para garantir as condições materiais de uma revolução futura. O surrealismo havia abandonado parte de seus princípios, rompendo com um pensamento autônomo e abdicando de sua revolução, de sua investida contra a realidade, para trabalhar na e para a realidade. E a filiação ao Partido Comunista, para Artaud, havia sido a marca disso, uma filiação que, além de tudo, indicaria, uma certa subserviência do movimento. O ano seguinte, 1930, inclusive, deixaria bastante claro que o surrealismo havia abandonado a sua revolução para dedicar-se à revolução de um outro, para estar a serviço de outra revolução. O maior exemplo disso é que a até então em voga

revista *La Révolution surréaliste* dá lugar à nova revista surrealista: *Le Surréalisme au service de la révolution*.

Le Surréalisme au service de la révolution

No entanto, se era esperada uma submissão total do surrealismo aos ideais revolucionários ditados pela União Soviética, não é exatamente isso que se verifica nos seis números da revista, publicados de julho de 1930 a maio de 1933, em que expressões da ortodoxia comunista são contrabalanceadas pelo ponto de vista dos surrealistas. Porém, a partir disso, uma questão se coloca: esses polos (as ideias comunistas e as ideias surrealistas) são conciliáveis? Essa questão não é de modo algum nova, e já aparecia à época de *La Révolution surréaliste*, mas nesses três anos em que a revista *Le Surréalisme au service de la révolution* esteve ativa, ela pareceu ganhar uma resposta mais definitiva. Isso se deu sobretudo com o que ficou conhecido como “caso Aragon”, quando este, ao voltar da União Soviética, cada vez mais próximo do Partido Comunista, repudia um texto de Breton, que saía em sua defesa, por tal texto conter ataques ao partido. Mas isso ocorre já nos anos finais da revista. Voltemos aos anos iniciais.

No dia primeiro de julho de 1930 saía o primeiro número de *Le Surréalisme au service de la révolution* e já na primeira página, marcando a adesão (ou uma boa vontade de adesão) dos surrealistas aos princípios do Partido Comunista, nos confrontamos com uma pergunta e uma resposta. Tratava-se de uma questão colocada pelo *Bureau International Littérature révolutionnaire* desejando saber qual seria a posição dos surrealistas se o imperialismo declarasse guerra aos soviéticos. Na resposta, por sua vez, os surrealistas (e não há nenhum nome assinado indicando autoria) declaram – numa estranha posição de obediência, coisa incomum ao espírito revoltado e insubordinado que mantinham desde sua formação – que, caso isso ocorresse, eles seguiriam as diretrizes do Partido Comunista Francês, e colocam-se a serviço do partido. No entanto, essa posição de obediência fica restrita apenas, ao que parece, aos meios dos quais os surrealistas não tinham domínio, já que, ao entrar no domínio intelectual, eles declaram ser inútil esperar ordens para saber o que fazer, para saber como “METTRE AU SERVICE DE LA RÉVOLUTION LES MOYENS QUI SONT PLUS PARTICULIÈREMENT LES NÔTRES” (*Le Surréalisme au service de la révolution. Collection complète* 2003: s. p.).

Mas que meios são esses? A resposta para isso pode começar a ser encontrada já nas páginas seguintes, com um texto de Salvador Dalí, que tinha ingressado há pouco no grupo, e outro de Breton. O texto de Dalí, intitulado “L’âne pourri”, continha a primeira explicação do método paranoico-crítico, que consistia num método de conhecimento irracional baseado na paranoia enquanto interpretação do mundo de maneira sistematizada, mas descolada da realidade. Embora fosse um texto de difícil compreensão, especialmente para aqueles distanciados de certas referências às quais os surrealistas estavam ligados (como Freud e o jovem Lacan), Dalí fez questão de colocar esse método a serviço da revolução:

Les nouvelles images, comme forme fonctionnelle de la pensée, vont prendre le libre penchant du désir, tout en étant refoulées violemment. **L’activité mortelle de ces nouvelles images peut**

encore, parallèlement à d'autres activités surréalistes, contribuer à la ruine de la réalité, au profit de tout ce qui, à travers les infâmes et abominables idéaux de tout ordre, esthétiques, humanitaires, philosophiques, etc., nous ramène aux sources claires de la masturbation, de l'exhibitionnisme, du crime, de l'amour. Idéalistes sans participer à aucun idéal. Les images idéales du surréalisme au service de l'imminente crise de la conscience, au service de la Révolution (Dalí 2003: s. p., grifo nosso)

De fato, o surrealismo, enquanto busca pela “crise da consciência” e pela “ruína da realidade”, estava sendo colocado a serviço da revolução. Mas esses meios são compatíveis com a revolução buscada pelo partido? A resposta é óbvia, e a história tratou de mostrar isso, especialmente se lembrarmos que o estilo literário privilegiado pelos comunistas foi um tipo de realismo (aquilo a que os surrealistas se opunham mais ferrenhamente, aquilo que se dedicavam a superar): o realismo socialista. O texto de Breton que aparece no mesmo número vai por um caminho parecido, deixando claro que o surrealismo não abrirá mão de seus princípios para fazer a vontade do partido. Nesse texto, intitulado “La barque de l'amour s'est brisée contre la vie courante”, Breton escreve sobre o suicídio de Maiakóvski, contrabalanceando o amor e a revolução, e apontando a impossibilidade de separação entre o dever revolucionário e o dever humano mais geral para os surrealistas, que se negam a falar apenas do dever revolucionário, isolado. No fundo, tratava-se de uma recusa à literatura panfletária:

Nous en sommes encore à demander qu'on nous montre une œuvre d'art « prolétarienne ». La vie enthousiasmante du prolétariat en lutte, la vie stupéfiante et brisante de l'esprit livré aux bêtes de lui-même, de notre part il serait pas trop vain de ne vouloir faire qu'un de ces deux drames distincts. Qu'on n'attende de nous, dans ce domaine, aucune concession. (Breton 2003: s. p.)

Fica claro, portanto, que, se esperávamos um surrealismo totalmente servil ao partido comunista, abrindo mão de seus princípios, não seria isso que encontraríamos naquela revista – que contava com poemas, objetos surrealistas, fotografias, aquilo que também encontrávamos em *La Révolution surréaliste* – na qual, apesar do que seu nome poderia indicar, não encontrávamos arte panfletária. O que não significa, de modo algum, que os surrealistas não estivessem de fato investidos na causa. Estavam, mas a seu próprio modo. Aragon notará isso, já no terceiro número da revista, de dezembro de 1931, em texto intitulado “Le surréalisme et le devenir révolutionnaire”, quando assinala o que para ele era uma evolução do surrealismo: a abdicação de certo idealismo em direção ao reconhecimento do materialismo dialético como única filosofia revolucionária:

La reconnaissance du matérialisme dialectique comme seule philosophie révolutionnaire, la compréhension et l'acceptation sans réserves de ce matérialisme par des intellectuels partis d'une position idéaliste conséquente, et qui ont constaté l'insuffisance de toute position idéaliste, fût-elle conséquente, en face des problèmes concrets de la Révolution, ce sont là les

traits essentiels de l'évolution des surréalistes, je veux dire de ceux d'entre eux qui s'étant séparés violemment de tous ceux qui pour des raisons diverses, toujours ramenables à des raisons de classe, entendaient suivre une évolution différente, sont aujourd'hui désignés communément sous le nom de surréalistes. [...] L'entrée dans le groupe surréaliste de certains éléments (Char, Dalí, Buñuel) qui possèdent des moyens d'expressions extrêmement précieux pour la vie de ce groupe et l'extension de son action a compensé au-delà de ce qu'on pouvait espérer le départ de tant de velléitaires confus et de littérateurs décidés. Le groupe ainsi renforcé a fondé une revue, le Surréalisme au service de la Révolution, manifestant par cette modification de l'ancien titre (la Révolution surréaliste) le sens général anti-individualiste et matérialiste de son évolution (Aragon 2003: s. p., grifo nosso)

Apesar dessa evolução face aos problemas concretos da revolução, que, para ele, já estava indicada na mudança de nome das revistas que os surrealistas editavam, substituindo o caráter individualista de sua própria revolução pelo “sentido geral anti-individualista” de se pôr a serviço da revolução, Aragon deixa claro que os princípios do surrealismo não foram deixados totalmente de lado ao retomar a necessidade de ação também no mundo interior (o mundo do pensamento), não somente no mundo exterior. Para ele, o surrealismo era o único método que daria conta de realizar tal tarefa. Mas essa posição conciliadora, já vimos, irá ruir pouco tempo depois, quando Aragon tomará o lado dos comunistas num momento em que a relação com os surrealistas foi levada ao limite. Por outro lado, em 1932, em trecho de *Les Vases communicants* que fala da revolução e reforça a necessidade de uma interpenetração contínua entre o mundo interior e exterior, Breton irá colocar a necessidade de mudar a condição humana como passo posterior à mudança das condições sociais, declarando, dessa forma, sua defesa dos ideais surrealistas ao fazer da revolução social uma etapa para uma outra revolução:

Je ne me laisserai pas d'opposer à l'impérieuse nécessité actuelle, qui est de changer les bases sociales par trop chancelantes et vermoulues du vieux monde, cette autre nécessité non moins impérieuse qui est de ne pas voir dans la Révolution à venir une fin, qui de toute évidence serait en même temps celle de l'histoire. La fin ne saurait être pour moi que la connaissance de la destination éternelle de l'homme, de l'homme en général, que la Révolution seule pourra rendre pleinement à cette destination. Toute autre manière d'en juger, de quelque prétendu souci des réalités politiques qu'elle se targue, me semble fausse, paralysante et, du strict point de vue révolutionnaire, défaitiste. (Breton 1964: 367)

Desse modo, Breton parece estar colocando a revolução a serviço do surrealismo, num momento em que a cisão com o partido comunista já parecia inevitável. A confirmação disso vem no ano seguinte, com a publicação de uma carta de Ferdinand Alquie ao próprio Breton no 5º número da revista, de 15 de maio de 1933, em que seu autor, comentando *Les Vases communicants*, afirmava que o surrealista era o único que teria se mantido em posições “válidas”, ou seja, razoáveis, em relação aos ideais surrealistas e, portanto, contrárias aos ideais do partido comunista, já que o “vento da cretinização sistemática” que soprava da

União Soviética tinha conseguido conciliar esses ideais inconciliáveis ao reunir sujeitos muito opostos: os surrealistas (“místicos admiradores da Índia”) e os comunistas (“moralistas” e “adoradores das máquinas”):

L’auteur du Paysan de Paris s’occupait à la confection de poèmes susceptibles d’évoquer en nos mémoires les plus belles pages de nos manuels d’instruction civique [...] Le vent de créninisation systématique, qui souffle d’U.R.S.S., parvenait à rallier à la cause dite révolutionnaire des mystiques admirateurs de l’Inde, des moralistes estimant que le travail, même forcé, est une source de régénération pour l’homme, des adorateurs de la machine (Alquié 2003: s. p.)

Vemos, assim, que o curto período de tempo em que a revista *Le Surréalisme au service de la révolution* foi editada serviu para mostrar de fato que, apesar do esforço, o surrealismo e seus métodos eram incompatíveis com a ideia de “revolução” proposta pelo partido comunista, ideia à qual eles se botaram a serviço num momento inicial. Isso, no entanto, não significa de modo algum que surrealismo e comunismo fossem incompatíveis, mas certamente as ideias do movimento eram incompatíveis com as ideias dos homens que animavam o espírito comunista naquele momento. Homens que de fato não souberam enxergar que, mais que idealistas, os surrealistas estavam construindo, e até mesmo se colocando como, pontes entre a ideia e a matéria, lutando, como Breton não cansou de dizer, pela indiscernibilidade entre o mundo exterior e o mundo interior.

A história, inclusive, tratou de confirmar isso. A perseguição a artistas que acontecia na União Soviética naquele momento e durante todo o período stalinista confirma a incompatibilidade dos ideais surrealistas com os ideais do partido comunista, mas Breton encontra um diálogo possível em outra esfera: o trotskismo. É nesse momento, em 1938, que surge o manifesto *Por uma arte revolucionária independente* (2021), assinado pelo próprio Breton e por Diego Rivera, cujo objetivo era “encontrar um terreno para reunir os defensores revolucionários da arte, para servir a revolução pelos métodos da arte e defender a liberdade da arte ela mesma contra os usurpadores da revolução” (s. p.). Nesse manifesto, os autores vão reconhecer que “somente a revolução social pode abrir o caminho para uma nova cultura” e que “a necessidade de emancipação do espírito deve seguir seu curso natural para que seja levada a se fundir e a se revigorar nesta necessidade primordial: a necessidade de emancipação do homem” (Breton/Rivera 2021: s. p.). Isso, porém, não significava, para eles, uma necessidade de colocar a arte a serviço dessa revolução, fazendo da arte mera propaganda. Suas ideias eram, sobretudo, pela independência da arte, por sua liberdade. Assim, a relação entre arte e revolução que propunham era recíproca: “Aquilo que queremos: a independência da arte – para a revolução; a revolução – para a libertação definitiva da arte” (Breton/Rivera 2021: s. p.).

Por fim, o surrealismo parece ter encontrado aí um terreno fértil, mas o desenrolar da Segunda Guerra já pressionava o movimento para outros pensamentos e outras formas de atuação política, a exemplo do que ocorrerá com a formação do grupo *Contre-attaque*.

Revolta e revolução

Então o que é, de fato, a “revolução surrealista”? Para responder à questão, precisamos perguntar, antes, o que é uma revolução. Barbara Cassin, no seu dicionário dos intraduzíveis, vai colocar no verbete REVOLUÇÃO a seguinte definição:

RÉVOLUTION Une révolution, sur le latin *revolvere*, «retourner en arrière», est un retour qui désigne en particulier le cycle par lequel un astre revient au point de départ sur son orbite: c'est la base de la conception du temps cyclique, de Platon à l'«éternel retour» nietzschéen, par contraste avec le temps linéaire. (Cassin 2004: 1087)

É também partindo de uma definição astronômica, mas invertendo-a, que Löwy vai definir o que é a “revolução surrealista”:

Desde 1727, a revolução é, para os astrônomos, a rotação de um corpo ao redor de seu eixo. Para o surrealismo, *revolução* significa exatamente o contrário: trata-se de interromper a rotação monótona da civilização ocidental ao redor de si mesma, de romper esse eixo de uma vez por todas e criar a possibilidade de outro movimento, de um movimento livre e harmônico, de uma civilização da atração apaixonada. A utopia revolucionária é a energia musical desse movimento. (Löwy 2018: 16)

A “revolução surrealista” aparece, para ele, como uma interrupção do movimento cíclico da civilização ocidental, uma interrupção, com isso, do movimento cíclico da história. Mas essa é uma definição muito geral, que não dá conta de certas nuances decisivas para o desenvolvimento do que foi e é a ideia de “revolução” para os surrealistas, apesar de, imagetivamente, para nós, que tomamos como metáfora do surrealismo uma imagem estelar, ser muito produtivo, especialmente porque podemos ver o romantismo como esse astro que sai da órbita da modernidade para criar um novo movimento.

O historiador alemão Reinhart Koselleck, em *Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos* (2006), num capítulo dedicado a pensar o conceito de revolução na modernidade, vai afirmar que o conteúdo semântico do termo revolução não é “unívoco” e que o conceito de revolução pode ser definido “como um *conceito geral*, que encontra pelo mundo todo as condições prévias para seu entendimento, mas cujo significado preciso sofre variações dramáticas de um país a outro, de uma situação política a outra” (p. 62). Assim, o conceito de revolução, apesar de ser entendido de forma geral, só pode ser dado a partir de que revolução específica se fala (se falamos da Revolução Industrial ou da Revolução Russa, por exemplo).

Talvez aqui encontremos um bom lugar para ancorar uma definição, ou uma impossibilidade de definição, do conceito de “revolução surrealista”. Uma impossibilidade porque, dada a sua variação conforme os anos e conforme o pensamento daqueles que animaram e animam o movimento, seria impossível definir um conceito de “revolução surrealista” sem que deixássemos outro possível conceito de fora. Por exemplo, se tomamos como conceito de

“revolução surrealista” aquele que pauta essa revolução na sua forma social, deixamos de lado o conceito de Artaud e as ideias de Desnos, que propunham um movimento constante que, ao contrário das revoluções que instituem organismos pós-revolucionários, não se deixasse engessar ou que nada se instituisse, um movimento de revolução que permanece acontecendo.

Mas esse conceito talvez tenha mais ligação com aquilo que entendemos como revolta, que, na filosofia da história hegeliana, “aparece como categoria geral inscrita na luta sempiterna que os indivíduos travam contra a ordem social”, como coloca o professor e filósofo francês François Châtelet para a *Encyclopedia Universalis*.

A partir disso, podemos propor duas definições possíveis para a “revolução surrealista”, a partir de duas “correntes” do movimento: a primeira seria pautada por aqueles que acreditam numa revolução definitiva, no sentido de que, após a revolução, uma nova forma (e aqui poderíamos dizer tanto uma nova forma de governo quanto uma nova forma de pensamento ou de visão de mundo) seria instituída. Esse é o caso, por exemplo, de Breton e Naville. A segunda, por outro lado, seria pautada por aqueles que propõem uma revolução em permanente movimento, que não institui nada em definitivo e não cessa de acontecer, uma revolução que, em suma, está sempre revolucionando-se. Esse seria o caso, por exemplo, de Artaud e Desnos. E essa revolução, se quisermos, podemos chamá-la de “revolta”.

Isso, no entanto, também não daria conta de tudo que estava em jogo naquele momento histórico, em que muitas nuances se apresentavam, como vimos – a questão social, a questão cultural –, acabando, assim, por ser apenas mais uma proposição generalizante. No fundo, talvez não haja como fugir disso, primeiro porque um conceito, como tentamos esboçar, é por definição uma generalização; segundo porque é difícil separar o pensamento conjunto do grupo do que cada integrante do movimento, em sua individualidade, desejava quanto à realização de uma revolução.

Há ainda, por fim, um outro ponto que explica essa dificuldade. É que para esboçar uma definição precisa sobre algo é preciso que esse algo se dê por encerrado. Assim, podemos olhar para tudo que foi e defini-lo. Mas, quanto ao surrealismo, não haveríamos de definir qual foi a sua revolução, porque, ou ela nunca aconteceu de fato, ou ainda não cessou de acontecer. No fim, se sabemos algo em definitivo acerca da “revolução surrealista” é o fato de que, independentemente de quais sejam seus meios e seus pequenos detalhes, sua finalidade sempre será o próprio surrealismo revolvendo-se, encarando a modernidade com a sua latente vontade de reencantar o mundo.

NOTAS

* Gabriel Bustilho Lamas é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Defendeu sua dissertação de mestrado em 2023 pensando mito e revolução no movimento surrealista a partir de dois “dissidentes” do surrealismo: Antonin Artaud e Georges Bataille. Atualmente segue pesquisando a questão do mito na modernidade a partir da proposição da seguinte proposição de Bataille: “a ausência de mito é também um mito”. Para além disso, segue interessado em reverberações do surrealismo no Brasil, como a presença de Benjamin Péret e sua estadia com os povos indígenas e com as religiões de matriz africana e a poesia de Roberto Piva.

¹ Alguns desses papillons podem ser encontrados no site dedicado a Breton: <https://www.andrebretton.fr/work/56600100124600>. Outros podem ser encontrados em leilões de colecionadores (conferir anexo).

² Cabe lembrar a frase de Artaud: “A propaganda é a prostituição da ação” (Artaud 2020a: 110).

³ O *Bureau des Recherches Surréalistes* foi aberto em 11 de outubro de 1924. Se mantinha aberto todos os dias, exceto aos domingos. Duas pessoas por dia eram responsáveis por manter o escritório aberto e ocupado. Ficou decidido que desde o dia 30 de janeiro de 1925 o Bureau não seria mais aberto ao público. É nesse momento, também, que Artaud assume a direção do escritório.

⁴ Tendo em vista que essas ferramentas possibilitam o fazer artístico “dissociado” da genialidade criativa.

⁵ Caberia aqui, ainda, pensar que a figura do gênio, durante séculos, foi uma figura da excepcionalidade, de um ser fora do comum, portanto, uma figura à qual não se chega, uma figura nada democrática.

⁶ “Aos vinte ou vinte e cinco anos, a vontade de luta define-se com relação ao que a gente encontra ao redor de si de mais ofensivo, de mais intolerável. A esse respeito, a doença que o mundo apresenta hoje difere daquela que apresentava durante os anos vinte. Na França, por exemplo, o espírito era então ameaçado de estagnação, ao passo que hoje é ameaçado de dissolução” (Breton *apud* Chenieux-Gendron 1992: 33-34, grifo nosso).

⁷ Existe uma dificuldade em diferenciar o que são os textos “oficiais” do movimento surrealista dos textos que são textos dos seus integrantes e não refletem o pensamento conjunto do movimento. A solução adotada para esse problema foi tomar como textos “oficiais” do movimento os textos selecionados por Maurice Nadeau, que foi o primeiro a realizar tal movimento, em 1964, na seção “Documents Surréalistes” que está anexada ao seu livro *Histoire du Surréalisme*, além dos textos presentes nas revistas surrealistas *La Révolution surréaliste* e *Le Surréalisme au service de la révolution*.

⁸ Apesar do desejo de mudar profundamente a vida ser parte do contexto social que a palavra “revolução” tomou no decorrer dos anos, a oposição com o realismo joga o embate num plano mais poético.

⁹ Ao menos na cidade do Rio de Janeiro.

¹⁰ Cf. Thévenin 1988.

¹¹ Retomo a citação: “8º Nós somos especialistas da Revolta. Não há meio de ação algum que nós não sejamos capazes, se necessário, de empregar [...] [O surrealismo] é um grito do espírito que está voltado em si mesmo e que está decidido a triturar desesperadamente seus obstáculos e, se necessário, por meio de martelos materiais”.

¹² Figura importante dentro do movimento, amplamente laureado no primeiro “Manifesto do surrealismo”, Naville vai se afastar um pouco dos surrealistas nessa época e passará a dirigir a *Clarté*, tendo em vista que ela era mais identificada com seus ideais políticos. Sua história dentro do surrealismo, no entanto, não acabará por aí, e, durante toda a sua vida, tentativas de aproximação e alguns afastamentos com o movimento (assim consequentemente com Breton) ocorrerão.

¹³ É por esse caminho, inclusive, que Breton defenderá a revolução comunista no “Segundo Manifesto do surrealismo”, como veremos mais à frente.

¹⁴ Expressão formulada por Artaud que condensa a imagem das classes sociais como uma “armadura” do mundo, enquanto que, para uma revolução efetiva, seria necessário atingir a carne ou o espírito deste: “Eles pensam que podem zombar de mim quando falo de uma metamorfose das condições interiores da alma, como se eu entendesse a alma no sentido infecto sob o qual eles mesmos a entendem e como se, do ponto de vista do absoluto, pudesse haver um interesse qualquer em ver mudar a **armadura social do mundo** ou em ver o poder passar das mãos da burguesia às do proletariado” (Artaud 2020: 73, grifo nosso).

¹⁵ Como argumenta Vera Lúcia Felício em *A procura da lucidez em Artaud* (1996), livro sobre a obra e o pensamento de Artaud, afirmando que a acusação dele ao surrealismo seria a de que “[o surrealismo] vê somente a metamorfose social externa como única via para a revolução, quando esta é uma via à qual se chega por sobreacréscimo. O plano social e o plano material, em direção aos quais os surrealistas dirigem suas veleidades de ação, reduzem-se a uma representação inútil e subentendida.” (p. 75).

Bibliografia

- Alquié, Ferdinand (2003), “Correspondance avec André Breton”, in *Le surréalisme au service de la révolution*. Collection complète, Paris, Jean-Michel Place Editeur.
- Aragon, L. / Breton, A. / Éluard, P. / Péret, B. / Unik, P. (1964), “Au grand jour”, in *Histoire du Surréalisme suivie de Documents Surréalistes*, Paris, Éditions du Seuil: 260-261.
- Aragon, Louis (1925a), “Communisme et Révolution”, *La Révolution surréaliste*, nº 2, Paris, Gallimard/ José Corti: 32.
- (2003), “Le surréalisme et le devenir révolutionnaire”, in *Le surréalisme au service de la révolution*. Collection complete, Paris, Jean-Michel Place Editeur.
- Artaud, Antonin (2017), *A Perda de Si*, organização e tradução de Ana Kiffer e Mariana Patrício, Rio de Janeiro, Rocco.
- (2019), *Escritos de Antonin Artaud*, tradução de Cláudio Willer, Porto Alegre, L&PM.
- (2020a), *Os Tarahumaras*, tradução de Olivier Dravet Xavier, Belo Horizonte, Moinhos.
- (2020b), *Textos surrealistas*, tradução de Olivier Dravet Xavier, Belo Horizonte, Moinhos.
- Boiffard, J. A. / Éluard, P. / Vitrac, R. (1924), “PREFACE”, *La Révolution surréaliste*, nº 1, Paris, Gallimard/ José Corti: 1-2.
- Breton, André (1925d), “Léon Trotsky: Lénine”, *La Révolution surréaliste*, nº 5, Paris: Gallimard/ José Corti: 29.
- (1926a), “Le surréalisme et la peinture”, *La Révolution surréaliste*, nº 6, Paris, Gallimard/ José Corti: 30-32.

- (1926c), “Légitime Défense”, *La Révolution surréaliste*, nº 8, Paris: Gallimard/ José Corti: 30-36.
- (1964), “Les Vases communicants”, in *Histoire du Surréalisme suivie de Documents Surréalistes*, Paris, Éditions du Seuil: 367.
- (2001), *Manifestos do Surrealismo*, tradução de Sergio Pachá, Rio de Janeiro, Nau Editora.
- Breton, André / Rivera, Diego (2021), *Por uma arte revolucionária independente*, tradução de Gustavo Racy, São Paulo, sobinfluencia.
- Cassin, Barbara (org.) (2004), *Vocabulaire européen des philosophies: Dictionnaire des intraduisibles*, Paris, Seuil.
- Châtelet, François (2022), “RÉVOLUTION”, <<https://www.universalis.fr/encyclopedie/revolution/>> (último acesso em 15/10/2022).
- Chenieux-Gendron, Jacqueline (1992), *O Surrealismo*, tradução de Mário Laranjeira, São Paulo, Martins Fontes.
- Dalí, Salvador (2003), “L’âne pourri”, in *Le surréalisme au service de la révolution*. Collection complète, Paris, Jean-Michel Place Editeur.
- Desnos, Robert (1925b), “Description d’une révolte prochaine”, *La Révolution surréaliste*, nº 3, Paris, Gallimard/ José Corti: 25-27.
- Felício, Vera Lúcia (1996), *A procura da lucidez em Artaud*, São Paulo, Editora Perspectiva.
- Fourrier, Marcel (1926b), “L’opportunisme impuissant”, *La Révolution surréaliste*, nº 7, Paris, Gallimard/ José Corti: 29-30.
- Kiffer, Ana (2016), *Antonin Artaud*, Rio de Janeiro, Eduerj.
- Koselleck, Reinhart (2006), *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*, tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira, Rio de Janeiro, Contraponto Editora/ Editora PUC-Rio.
- Löwy, Michael (2018), *A estrela da manhã: surrealismo e marxismo*, tradução de Eliana Aguiar, São Paulo, Boitempo.
- Masson, André (1925), “Il faut se faire une idée physique de la révolution”, *La Révolution surréaliste*, nº 3, Paris, Gallimard/ José Corti: 13.
- Nadeau, Maurice (1964), *Histoire du Surréalisme suivie de Documents Surréalistes*, Paris, Éditions du Seuil.
- Thévenin, Paule (org.) (1988), *Archives du surréalisme 1. Bureau de recherches surréalistes*. Cahier de la permanence, Paris, Gallimard.